



NÃO HÁ VAGA

# Desemprego: em 13 milhões de lares do Brasil ninguém trabalha

**De 2014 para 2015, número de domicílios onde ninguém trabalha subiu em 770 mil**

RIO DE JANEIRO

Em apenas um semestre, a taxa de desemprego nas grandes metrópoles voltou aos níveis de 2010, e analistas já preveem que ela ultrapasse os 10% no próximo ano. A piora rápida do mercado de trabalho fica mais evidente quando se observa o aumento da parcela de lares onde ninguém trabalha. Em 2012, ela correspondia a 17,4%. O número subiu para 18,6% em 2014 e já chega a 19,3% no primeiro semestre. De um ano para outro, o número de domicílios nos quais ninguém trabalha aumentou em 770 mil. No país, já são 13,1 milhões de casas em que não há renda do trabalho.

O cruzamento de dados foi feito pelo pesquisador do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade e diretor de Oportunidades, Pesquisa e Estudos Sociais, Samuel Franco, a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. “O mercado de trabalho piora a cada mês, e esse aumento na propor-



Fila na porta do Sine de Vila Velha. Por conta da crise, cenas como essa tornaram-se cotidianas em 2015

ção de domicílios sem ocupados está acontecendo mais nos lares onde o chefe tem baixa escolaridade”, afirmou Franco.

## EMPOBRECIMENTO

Esse pode ser considerado um dos sinais do empobrecimento da população previsto pelos especialistas num cenário de recessão - estimada em 3% neste ano e em 1% no próximo - e da inflação, que pode chegar a 10% este ano.

“É praticamente certo que haverá empobrecimento de grande parte da população. Mas sem perder todos os ganhos de uma década. As informações são que houve aumento substancial do desemprego. Além da perda de renda dos desempregados, isso quebra o poder de barganha do trabalhador. Certamente está ocorrendo aumento da pobreza”, disse Rodolfo Hoffmann, pesquisador da Esalq USP, especialista em

pobreza e desigualdade.

Rafael Bacciotti, economista da Tendências Consultoria, avalia que a piora no mercado de trabalho afeta até a sazonalidade. Ele estima que a taxa média de desemprego de 2015 nas seis principais regiões metropolitanas fique em 7%, mas chegue a 8% em dezembro, mês em que tradicionalmente a procura por trabalho é menor. “Em 2014, a taxa média foi de 4,8%. Voltamos aos números de 2010

em um semestre”.

Quase um milhão de vagas formais foram extintas no país nos últimos 12 meses. A saída do emprego formal é um dos fatores que deixam a família com mais chance de entrar na pobreza. Dissertação de mestrado, premiada pelo BNDES, da economista Solange Leddi Gonçalves listou o que torna as famílias mais vulneráveis à pobreza.

“Formalidade é uma questão importante para

garantir menor vulnerabilidade. O trabalho informal tem uma insegurança maior, a renda varia bastante, o que pode fazer a família entrar e sair da pobreza. Quando se está no setor informal, perde-se benefícios que compõem a renda da família como vale-alimentação e seguro-saúde”.

Diante do desemprego, a família é obrigada a fazer escolhas que têm impacto no médio prazo, como cortar gastos com educação, diz Solange. Sem carteira assinada, fica mais difícil obter crédito, que funciona como tábua de salvação. Os lares chefiados por mulheres e pessoas com baixa escolaridade também correm risco de entrar na pobreza.

“Nas famílias formadas por pessoas sem instrução, 25% são vulneráveis. O Bolsa Família pode amenizar a pobreza, mas a renda do trabalho é muito importante”, disse Solange. A experiência passada mostra que a inflação elevada é particularmente prejudicial para os pobres, que têm menos condições de se proteger da elevação de preços.

ARQUIVO